

APRESENTAÇÃO

Com o intuito de subsidiar projetos docentes que tenham por objetivo o estudo da criação literária de Augusto dos Anjos, Cruz e Souza e Sousândrade, este número da revista *Literatura em Debate* é inteiramente dedicado a artigos e ensaios críticos sobre a obra desses três grandes nomes da Literatura Brasileira. Sem pretender transformar-se em guia didático para trabalho em sala de aula com a obra dos três autores, é oportuno salientar o caráter pedagógico e informativo de que se reveste esta publicação, ratificando-se, dessa forma, a intenção primeira dos editores desta edição.

Em Cruz e Souza: emparedado em seu poema, primeiro artigo desta edição, Andrea Cesco faz uma leitura crítica do *Emparedado*, poema de Cruz e Souza que fecha o livro de poemas em prosa *Evocações*, publicado pelo autor em 1898. Considerado por muitos críticos como o testamento de Cruz e Souza, como poeta e como homem, o poema analisado é constituído “por páginas de confissão, de recriminações, agressividades, análise social, escritas numa prosa obscura”, por vezes até de difícil entendimento, mas repercutem a esperança do poeta de “romper o emparedamento formal, imposto pela cartilha parnasiana, cultivando o poema em prosa, assim como outros simbolistas exercitarão o verso livre, que seria prenúncio da vanguarda moderna em poesia”.

O segundo artigo desta publicação é *O grito e o mar*: sobre a transformação do processo poético em Cruz e Souza. Seu autor, Anelito Pereira de Oliveira, coloca em evidência um viés do processo criativo de Cruz e Souza que teve raízes no período de transição vivido pelo poeta, quando se transferiu definitivamente da então Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, para o Rio de Janeiro e lá sentido a necessidade “de alterar sua relação com a escrita, de romper, sobretudo, com a inocência que caracterizava essa relação”, conforme o autor do artigo. O texto nascido como um reflexo da nova realidade se distanciará daquele outro que antes pontificava na produção intelectual de Cruz e Souza, com referências mais corriqueiras, menos cosmopolitas. A nova realidade provocará uma torção no trabalho criativo do poeta. Sua produção literária nascerá da necessidade de confrontar o externo com o interno, ou seja, do embate entre o sujeito e o objeto. Esse período de transição é o objeto da atenção de Anelito neste artigo, em que analisa dois poemas que considera como representativos dessa fase – *Grito de guerra* e *O mar*.

No artigo *Um estranho no Parnaso: grotesco, incompreensão e modernidade na poesia de Cruz e Sousa*, seu autor – Fabiano Rodrigues da Silva Santos – discute a poética de Cruz e Souza sob a ótica da estética do grotesco. A forma singular com que o poeta utiliza o grotesco, unido ao sublime, oferece, na opinião de Fabiano, “uma chave de leitura eficiente para se avaliar a modernidade em sua poética”, atestando a ligação de sua poesia com os liames da tradição modernista. Após incursionar por fragmentos de poemas tais como o soneto *Assinalado*, ou *Visão*, *Flor do Diabo* e *Majestade Caída*, estes três publicados em *Broquéis*, em que, nas palavras de Fabiano, “a beleza do mal surge no requinte das sensações proibidas”, o artigo convida a uma reflexão cuidadosa sobre os meandros da estética de A. dos Anjos, conduzindo seu leitor à constatação de que a obra do poeta catarinense “apresenta uma forma de grotesco que se manifesta como atestado de uma forma de beleza autêntica, convulsa, estranha e nova – impossível, portanto, de ser ignorada”.

O quarto artigo desta coletânea vem assinado por Marco Antonio Hruschka Teles e Marciano Lopes e Silva. Sob o título de *Cânone, negritude e ideologia no ensino de literatura: o caso Cruz e Sousa*, os autores propõem uma leitura da poesia de Cruz Souza considerando a relação cânone e ideologia, de forma a propiciar uma visão crítica de sua obra e do cânone literário brasileiro estabelecido pelos livros didáticos de ensino médio e pelos manuais universitários de *História da Literatura Brasileira*. A representação da negritude e a obsessão dos críticos em apontar a também obsessão pelo branco nos poemas de Cruz e Souza são pontos discutidos pelos autores neste artigo, confrontando a crítica com a obra poética de Souza. Eles analisam os poemas em prosa *Seráphica* e *Tenebrosa* e afirmam haver percebido “um preconceito racial – ainda que inconsciente – no discurso do cânone escolar”. Considerando as análises feitas não apenas com relação aos poemas, mas também a respeito de recursos didáticos, Marco Antônio e Marciano enriquecem ainda mais seu texto com uma sugestão de trabalho em sala de aula com o filme *Cruz e Sousa – O poeta do desterro* (1998), de Sylvio Bach.

Épica e discursividade em Sousândrade e Pepetela é o artigo que se apresenta dando sequência à temática desta *Literatura em Debate*. Neste artigo, Robson Dutra parte do conceito de épica e da múltipla discursividade produzida por este gênero literário, para refletir sobre o herói em *O Guesa*, de Sousândrade, e *Mayombe*, de Pepetela, e os diferentes contextos literários neles apresentados. Estudar como o índio brasileiro e os guerrilheiros angolanos tornam-se, na poesia e na prosa, alegorias de identidades pessoais que representam identidades nacionais e, a partir da teoria pós-

colonial, observar novas maneiras de representação da história e da ficção são os objetivos pretendidos por Robson com seu texto.

Roseméri Aparecida Back é a autora de *Sousândrade e Augusto dos Anjos: Releituras no século XXI*, em que traz à tona as dificuldades com que, em pleno século XXI, defrontam-se os professores durante o trabalho em classe com textos literários, especialmente os poéticos. Didaticamente, a autora inicialmente situa seu leitor, professor ou não, sobre a diferença pontual entre o que seja poema e o que seja poesia, trazendo logo após uma breve retrospecto sobre o advento da poesia no Brasil. Após enfatizar que o aluno não lê poesia e o professor, frequentemente, também não, Roseméri apresenta a pergunta-eixo de seu texto: como ler poesia em sala de aula em pleno século XXI? Lembrando que é importante “a compreensão de que tanto a criação quanto a leitura da poesia se pautam menos pela busca de uma realidade do que pela busca de um estado ou de uma emoção”, traz à análise o trabalho poético de dois dos expoentes do período de transição temporal-estética do final do século XIX ao início do século XX na literatura brasileira - Joaquim de Sousa Andrade, autodenominado Sousândrade, e Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, que a história literária nacional guardou como Augusto dos Anjos. Do primeiro, analisa o poema *O Guesa* e, do segundo, *Psicologia de um vencido* e *O corupião*. Findas as análises e as considerações de ordem didática, a autora é incisiva: “é imperativo que se leia poesia na escola”.

Realizar uma análise sobre a controversa classificação do poeta Augusto dos Anjos, que oscila entre o Simbolismo, Parnasianismo, Romantismo, Cientificismo, Modernismo e até mesmo Surrealismo, a partir de aspectos de sua poesia que apontam para as diversas tentativas de enquadramento de sua obra – esse foi o objetivo principal de Nara Marley Aléssio Rubert ao escrever sobre *O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira*, artigo com que comparece nesta edição de *Literatura em Debate*. A proposta de Nara é de, a partir de traços característicos do Pré-Modernismo, época em que se deu o lançamento de *Eu*, analisar alguns aspectos desse período vivido por A. dos Anjos, da estética literária desse tempo, e a forma como tais aspectos se refletem ou não na obra do poeta. Para tanto, a autora consulta a fortuna crítica de A. Dos Anjos e opta por “deixar a obra e quem já discutiu muito sobre ela, falar e, a partir disso, buscar referências teóricas sobre qual o melhor enquadramento para esses dados recolhidos”. Assim, a autora transita pela produção poética de A. dos Anjos, comentando fragmentos poéticos e argumentos de críticos e estudiosos, todos levando-a, no final de seu texto, à

ratificação de que “ler Augusto é transitar do Romantismo ao Modernismo, passando por todas as correntes estéticas intermediárias. É um poeta que conseguiu colocar em verso, e em uma única obra, a essência de tendências as mais díspares, sem ser hermético nem incompreensível”.

Em *Motivação do signo e a antipoesia em Augusto dos Anjos*: a musical expressão do desconforto existencial, os autores Marcelo Marinho, Madalena de Oliveira e Daiane Samara Wildner propõem o que designam como “uma inédita abordagem de corte estilístico” para *A um mascarado*, poema que tematiza a finitude do corpo físico, submergindo seu leitor em uma atmosfera de melancolia e angústia, característica que se evidencia como inovação estética incorporada ao poema, ilustrando um mundo degradado, em que não há para a vida outro fim possível do que a degenerescência e a decadência física e moral. “Em sala de aula”, dizem os autores, “a leitura desse poema permite levar o jovem aprendiz à fruição do prazer de decodificar enigmas e explorar os limites intangíveis da linguagem, no que se refere à expressividade estética da variante brasileira da língua portuguesa”. Essa decodificação está presente no artigo, permitindo ao leitor perceber a riqueza de possibilidades analíticas que, descobertas, permitem ao leitor usufruir o prazer da descoberta da beleza singular contida na obra analisada.

Em *Leitura de poesia: o canto de Augusto dos Anjos*, a autora, Odalice de Castro Silva, analisa particularidades da poesia do poeta paraibano, especialmente no que diz respeito “à recepção de sua linguagem, de temas e de metáforas apreciados e considerados como realização poética de alto nível artístico, tanto por críticos especializados, quanto por leitores comuns”, como explica logo no início de seu trabalho analítico. Dispensando especial atenção ao poema *Vandalismo*, incluído entre os primeiros da criação poética do autor, Odalice o vê como um achado, uma descoberta singular, no universo da criação literária de Augusto dos Anjos, sentindo o soneto como um gesto iconoclasta, revelando-se como uma “experiência de descoberta”, eis que a partir dele, o poeta saberá “de uma vez por todas quem ele é, no que se tornará, até fechar os olhos, em 1912”. Após mencionar a fortuna crítica do poeta, que o perfila como uma voz que, por singular, chegou a ser ignorada por uns por neoparnasiana, tanto como rejeitada por outros por simbolista, Odalice conclui seu artigo ratificando a importância de Augusto dos Anjos e sua obra. Lembrando João Alexandre Barbosa, ela afirma que “Augusto dos Anjos não cabe no ‘intervalo’, sua poesia se movimenta como os signos, em muitas dimensões e direções”.

Na perspectiva da literatura, as representações do urbano identificam uma reconstrução do mundo sensível que se expressa em discursos e também em imagens evocadas pelo texto literário. É sob essa perspectiva e considerando que, na passagem do século XIX para o XX, muitos são os escritores que lançam seu olhar sobre a cidade e seu habitante, que Girvani Seitel e Ricardo André Ferreira Martins analisam as obras poéticas *As Flores do Mal* (1857), do poeta francês Charles Baudelaire, e *Eu* (1912), do poeta brasileiro Augusto dos Anjos. No artigo *De Baudelaire a Augusto dos Anjos: imagens da cidade na literatura*, Girvani e Ricardo buscam detectar versos que revelam a visão desses poetas a respeito das transformações promovidas em duas cidades - Paris e Rio de Janeiro – e em seu habitante com o advento da modernidade. O intuito é alcançado mediante aproximações estilístico-temporais em que sobressaem sensações que mesclam a surpresa diante do novo e a nostalgia do que, aos poucos, vai sendo substituído pela realidade transformadora, pelas mudanças que assomam à visão dos poetas, certamente a cada um a seu tempo e em seu espaço urbano de convivência, mas guardando similitudes que os aproximam na leitura poética que fazem da nova fisionomia urbana com que se defrontam. Como constata os autores, “aliado às transformações no espaço físico destas capitais, a leitura e análise das obras mostra que os novos modos de pensar e agir na cidade metropolitana trazem à baila a angústia, o receio, o medo, o despreparo do cidadão ao transitar nestes novos espaços que a modernidade projetada pelo engenho humano”.

Já no artigo *Augusto dos Anjos ou um Eu para além do puro biografismo*, seu autor, Henrique Duarte Neto, dispõe-se a pensar o estatuto do sujeito poético na poesia canônica de Augusto dos Anjos. Para tanto, lembra ponto de vista de Octavio Paz – de que a biografia, bem como a história, podem revelar muitos aspectos do poema, só não podem “dizer o que é um poema” (PAZ, 1984, p. 19). Entendendo que, neste caso, uma e outra são constitutivas da exterioridade discursiva, Henrique diz que, embora não tão vastos quanto os de outros artistas, o estudo de aspectos da biografia de A. dos Anjos pode ser de grande valia para sua proposta. É esse o caminho que toma em seu texto, detendo-se especialmente em cartas escritas pelo poeta – mas não somente nelas, pois se detém também na análise da relação eu-mundo em poemas ou em fragmentos da obra literária de Augusto dos Anjos. Nas cartas à mãe e a outros familiares, algumas inclusive contendo comentários sobre a recepção de *Eu*, mesmo esparsas, encontram-se expressões que revelam o poeta, parecendo demonstrar que “a tendência à ênfase e ao exagero não se faz presente somente no caso de sua poesia”. Após suas reflexões,

Henrique é conclusivo: “no que se refere à questão da autoria em Augusto dos Anjos, após as colocações que foram postas em relevo, fica inviabilizada, à guisa de hipótese, a possibilidade de síntese entre o eu-lírico e o eu biográfico. O Eu só é possível no singular enquanto potência discursiva. E há uma tensão de forças entre estas duas instâncias que provocam a pluralidade do sujeito poético, errante por princípio, mas que encontra na errância um lugar”.

Fecha este número de *Literatura em Debate* o artigo Augusto dos Anjos e a poética moderna: a realidade como elemento estético. Com ele, o autor – Alex Alves Fogal – busca entender como o método de composição poética de Augusto dos Anjos na obra *Eu* expressa uma concepção de lirismo moderno. Para alcançar tal objetivo, ele enfatiza a maneira segundo a qual o escritor torna o elemento real e prosaico um importante dispositivo da sua criação literária. Dessa forma, Alex faz um contraponto à grande parte da tradição crítica brasileira. Esta, segundo afirma, “enquadrou a obra de Augusto dos Anjos num modelo de literatura passadista e antiquado, normalmente relacionado ao Parnasianismo e ao Simbolismo, deixando de lado os fortes traços modernos que a poesia do autor apresenta no que diz respeito ao modo de formular a linguagem como construção estética”. O trabalho de Alex Fogal, revisitando fragmentos de poemas de Augusto dos Anjos, acaba por confirmar-lhe: o método por ele visualizado na obra do poeta “mostra-se capaz de registrar um tipo de realidade exterior através da qual é possível criar as condições para uma expressão poética ou emotiva (BARBOSA, 1986, p. 26). Esse procedimento faz com que, entre o poeta e a realidade circunstancial, interponha-se a própria estrutura da linguagem, apresentando-nos uma concepção de expressão literária que não necessita negar o mundo para se instaurar, mas sim o atualiza, privilegiando uma ideia de imaginário que não se coloca enquanto violência ao real, mas como marcador da mediação de uma outra realidade.” Com esta edição de *Literatura em Debate* esperamos haver contribuído para enriquecer o acervo crítico sobre os três poetas destacados e, igualmente, aportado subsídios importantes para fundamentar o trabalho docente na área de Literatura Brasileira. Essa valiosa contribuição seria impossível sem a participação competente dos pareceristas e dos pesquisadores e estudiosos da obra de Augusto dos Anjos, Cruz e Souza e Sousândrade que aceitaram enviar seus artigos, dando, com isso, inestimável apoio à iniciativa dos Editores e significativo aporte à melhoria da qualidade do ensino de Literatura na rede escolar, objetivo primeiro do PPG em Letras da URI-Frederico Westphalen. A todos o reconhecimento dos Editores.

Camila de Carli

Gustavo Menegusso

Larissa Tirloni

Prof. Dr. Marcelo Marinho

Prof^a Dr^a Maria Thereza Veloso